

A CULTURA
VISIGÓTICA

NA HISPÂNIA: MONARCAS,
MONUMENTOS, MANUSCRITOS,
LEIS, JÓIAS, ARTE, MÚSICA E
ARQUITECTURA.



Paulo Heitlinger

5.^a Edição, 2021

415 páginas, 515 imagens

Edições de Arqueologia



CULTURA VISIGÓTICA



Autor e paginação: Paulo Heitlinger.
Copyright 2011 – 2021 by Paulo Heitlinger.
Todos os direitos reservados para a língua
portuguesa e para todas as outras línguas.

Distribuição exclusivamente em PDF
Venda online em www.tipografos.net

Foto da capa: Coluna da época visigótica.
Museu da Igreja de Santo Amaro, Beja.
Nesta página: o outro lado da mesma coluna.



Venda deste e-book: termos e condições

Este livro digital (e-Book) é vendido em forma de exemplar personalizado, que identifica digitalmente o seu proprietário.

O livro/PDF pode ser impresso pelo proprietário e partes escolhidas também poderão ser projectadas em sala de aula, por exemplo – se for esclarecida qual a origem deste documento e o seu autor.

O proprietário deste exemplar também poderá copiar curtos trechos de texto, para simplificar o processo de citações.

Contudo, o exemplar comprado não poderá ser transferido a outras pessoas!

A transferência deste exemplar a outra pessoa que não o seu comprador é facilmente detectável e servirá para o autor optar imediatamente pelos procedimentos jurídicos que considere necessários, para salvaguardar os seus interesses comerciais e os seus direitos de autor.



Coroa de Recesvinto. MAN. Foto: Magnificus.

Como usar este e-book: tire partido da interactividade!

Aos leitores menos experientes em usar o Acrobat Reader, gostaria de lembrar que podem tirar proveito da função «Search» para procurar as ocorrências de qualquer palavra ou data contida no texto. Basta premir Control + F para activar a janelinha de busca.

Se usar a versão Acrobat recente, poderá anotar os seus comentários directamente em cima deste documento, personalizando este seu exemplar.

O Índice remissivo (nas últimas páginas) e o Índice de temas (no início do livro) oferecem ao leitor links interactivos. Clicando com o rato sobre os números de página destes links, salta imediatamente para a página referenciada.

Também as referências cruzadas (...veja página xy...) oferecem esta interactividade. São facilmente identificáveis, semelhantes àquelas que se vêem em páginas web.

Os web-sites assinalados nos textos também permitem uma activação directa, basta clicar com o mouse, para activar o seu web-browser e abrir a página assinalada, directamente online. (Para que tal aconteça, terá de ter uma ligação online activada.)



TEMAS

Introdução.....	8	A Cultura dos Vândalos	55
Os Cristianismos	9	O reino africano.....	55
Os Cultos de Cristo.....	10	Os Judeus.....	60
As igrejas hispânicas.....	11	A Reconquista	63
Cristologia ariana	16	Os reis das Astúrias.....	66
Cristologia ortodoxa	16	Cultura visigótica	73
Os cristãos de Mértola	22	Placas decorativas	83
Cristologia monofisita.....	22	Colunas, pilastras e capitéis.....	95
Conversão dos Suevos: Martinho de Dume	23	Capitéis historiados de San Pedro de la Nave.....	109
Frutuoso de Braga	24	Arte visigótica	113
Os Beneditinos.....	26	Escultura: o baixo-relevo.....	118
Os Visigodos	28	Cerâmica.....	131
Godos em terras hispânicas	29	Cruzes votivas	136
Iberização do reino visigodo.....	30	O Tesouro de Torredonjimeno	144
Toledo, capital do reino	31	O Artesanato	145
Museo de los Concilios y de la Cultura Visigoda	35	Preciosas fíbulas.....	146
O tesouro de Guarrazar.....	36	Fivelas ornadas, artesanato visigótico	149
Reis visigodos	38	900: Ainda o ouro.....	154
Isidoro de Sevilha.....	44	Arqueta de San Genadio	154
Direito visigodo	45	Arqueta das Ágatas	156
O Código de 654 (Liber Judiciorum).....	45	A Letra Visigótica.....	157
O embate do Islão	48	Versais orientais	162
Cultura moçárabe	51	Decadência da letra romana.....	164

Os primeiros 250 anos da Versal visigótica.....	168
Decoração.....	176
Inscrições gregas.....	201
Formas das versais visigóticas arcaicas.....	207

A segunda letra visigótica lapidar 210

Lápides e inscrições em monumentos.....	211
O corpus epigráfico de Salas.....	219
Moedas visigóticas.....	244

A caligrafia monástica..... 246

Os scriptoria.....	247
--------------------	-----

Canto moçárabe 253

Os Antifonários.....	254
----------------------	-----

Escrita visigótica librária..... 261

O requinte da versal visigótica.....	262
Codex Vigilanus.....	269

Beatus 275

Os Beatus hispânicos.....	276
Seu de Urgell.....	280
Apocalipse do Lorvão.....	286
Pizarras visigodas.....	290
Vamos a números... ..	292
A erradicação da Escrita visigótica.....	295
A substituição do rito moçárabe.....	295

Descobrir sítios..... 299

Testemunhos a Sul.....	301
Senhora da Rocha, Porches, século VII.....	304
Basílica paleo-cristã, Mértola, séculos V-VI.....	306
Santo Amaro, Beja, séc. XI, espólio visigótico.....	308
Torre de Palma, Monforte, século IV.....	312
Badajóz, o museu.....	313
Mérida.....	314
Santa Maria de Melque, século VIII.....	315
Toledo.....	316
Recópolis, 578.....	319
San Vicente, Córdoba, século VI.....	320
Sevilha, século VI.....	321
Tarragona.....	322
Barcelona.....	323
Testemunhos ao Centro.....	324
Basílica de Tróia, Setúbal, século iv.....	325
São João, Nazaré.....	326
Conímbriga, Condeixa-a-Nova.....	330
São Pedro de Lourosa, 912.....	331
Testemunhos nas Astúrias.....	335
Oviedo.....	337
Santa María del Naranco, 842.....	337
San Miguel de Lillo, Oviedo.....	341
San Julián de los Prados, Oviedo.....	343
Museu Arqueológico das Astúrias, Oviedo.....	344

San Salvador de Val de Diós, 893	345
Santianes de Pravia, século viii	348
Santa Cristina. Pola de Lena, século ix.....	349
Santa María de Lebeña, Cantábria	352
Testemunhos em León.....	353
Santiago de Peñalba, León.....	355
Santo Tomás de las Ollas.....	361
San Miguel de la Escalada, Gradefes, 913.....	362
San Juan de Baños, Baños de Cerrato, 661.....	368
Capela do Ciprés	369
Santa Comba de Bande, Galiza, século vii.....	370
São Torcato, Guimarães, 951	372
São Frutuoso de Montélios, Braga, século vii.....	374
Braga, Museu arqueológico	376
Dume.....	377
San Pedro de la Nave, 670.....	378
São Pedro de Balsemão, Lamego, século ix.....	386
Quintanilla de las Viñas, Burgos.....	389

Epigrafia moderna 390

Epigrafistas.....	391
Andrés Merino	392
Hermann Dessau.....	393
Theodor Mommsen	393
Emil Hübner.....	394
Estácio da Veiga: o parteiro da	
Arqueologia portuguesa	396
José Leite de Vasconcelos.....	397

Glossário 398

Bibliografia 403

Links	409
Os autores.....	410

Índice411

As fontes usadas neste livro	415
------------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Os testemunhos da cultura visigótica em Portugal e Espanha são muito fragmentados – um mosaico confuso que inclui alguma arquitectura, um pouco de artes decorativas, pouca escultura, bastante epigrafia, e preciosos manuscritos iluminados. Estes elementos são, no seu conjunto, escassos, pouco conhecidos do grande público, mal divulgados e frequentemente mal interpretados. Deste modo, o leitor compreenderá que não foi tarefa fácil ordenar estes fragmentos para tentar obter uma visão mais consolidada do que foi a Cultura visigótica.

Falamos de um período começado pelas invasões bárbaras, com início em 409, e fortemente afectado pelas invasões muçulmanas no ano de 711. Uma cultura que teve uma continuação chamada moçárabe (nos territórios sob o domínio islâmico) e uma continuação alto-medieval, nos territórios obtidos pela Reconquista.

Em termos da evolução dos sistemas de escrita vigentes na Península Ibérica a partir da época tardo-romana e até à implementação da monarquia portuguesa, não existe ainda publicação que nos mostre e interprete o corpus de inscrições e manuscritos. Muito poucos arqueólogos e paleógrafos se têm ocupado desta matéria. A presente docu-

mentação propõe colmatar esta lacuna, para nos mostrar o que se passou no domínio dos Sistemas de Escrita durante esses 600 anos.

A letra visigótica é um tipo de escrita singular, que acompanhou a História da Península Ibérica desde o século IV até ao século XII. Assistiu à fundação do reino de Portugal, mas, por motivos político-religiosos, foi substituída pela Escrita Carolina. Marca a transição de um padrão estético da Antiguidade Tardia para uma caligrafia medieval. Este letra é genuinamente peninsular, pois não existiu em qualquer outra zona geográfica. Com ela se grafaram textos latinos, gregos e nos idiomas/dialectos/falares que deram origem ao galego, português e castelhano.

Para a compilação de alguns dos textos que vai ler, baseei-me em obras de Katherine Fischer Drew, Peter Klein, Emil Hübner, Claudio Torres, José Mattoso e Mário Jorge Barroca, assim como em textos patentes em web-sites de museus e bibliotecas de reconhecida competência e autoridade. Informações da Wikipedia ou de blogues só foram usadas quando validadas por outras fontes.

Janeiro de 2021
Paulo Heitlinger

Aconselhamos aos leitores o Acrobat Reader. Esta ferramenta, mais evoluída, não só permite clicar todos os hiperlinks e referências cruzadas inseridos neste texto digital, como permite adicionar comentários. Deste modo, pode personalizar melhor esta sua cópia do livro!





Os CRISTIANISMOS



A figura do Bom Pastor é a representação preferida nos primeiros tempos da era cristã. Só mais tarde é substituída pelo masoquismo do Cristo crucificado.

Os Cultos de Cristo

A seguinte apresentação sumária do Cristianismo é essencial para se perceber a evolução da Hispânia na época tardo-romana e nos primeiros tempos das invasões ditas bárbaras.

As religiões praticadas na Hispânia romana faziam parte do politeísmo romano, que integrava o panteão greco-romano, mas também outras divindades; por exemplo, da Lusitânia. Os deuses romanos mais importantes eram Júpiter, Neptuno, Apólo, Diana, Minerva, Marte, Vénus, Mercúrio, Vulcano, Vesta, Céres e Juno. Por exemplo, em Lisboa {Olisipo}, praticava-se um culto à Lua e a Esculápio, deus da Medicina, e ainda ao Deus dos Lagartos e Cobras.

A mitologia de Mitra mostra fortes paralelismos com o culto a Jesus de Nazaré, figura central do culto cristão. Aliás, o culto de Cristo começou em concorrência com culto de Mitra.

Na Península Ibérica, o Cristianismo penetrou pelo Sul, vindo de mosteiros norte-africanos. Já no fim do domínio romano, Olisipo foi um dos primeiros núcleos romanos a acolher o Cristianismo; o primeiro bispo cristão da cidade foi São Gens.

Durante os últimos decénios do Império Romano, já com muitos convertidos às várias seitas do Cristianismo, vários bispos de Lisboa participaram em concílios que moldaram a teologia cristã actual.

Em 325, o bispo Potâmio de Olisipo participou no Concílio de Nicéia, no qual o Arianismo foi condenado e a interpretação de outras seitas cristãs foi aceite: Jesus como encarnação directa de Deus.

A partir de 313, o Cristianismo obteve uma posição de privilégio face às religiões vigentes no Império romano, o que permitiu a realização de uma série de concílios. No ano de 380, o imperador Teodósio (346–395), ao publicar o Édito de Tessalónica, fez do Cristianismo a religião oficial e única do Império. O Cristianismo acaba por ser escolhido pelos imperadores romanos para ser Religião de Estado.

A partir do século III, os historiadores já falam de uma *Igreja cristã*, pois na Hispânia, muito antes da já relatada evolução da Monarquia visigoda, já existiam comunidades cristãs organizadas hierarquicamente sob o poder dos bispos e diáconos.

O Cristianismo expandiu-se preferencialmente nas zonas urbanas com maior densidade populacional; a nova crença apareceu ligada a grupos sociais heterogéneos. As actas de mártires dão-nos notícia de escravos libertos, comerciantes, artesãos e soldados.

As ligações com o Norte de África são dominantes, sendo claras as influências desta região até ao século IV. Nos autores hispano-cristãos observa-se uma evolução para uma cultura cristã que progressivamente começa a omitir os autores clássicos, embora ainda sejam conhecidos autores romanos (pagãos!) como Virgílio ou Ovídio.

As igrejas hispânicas

A primeira notícia referente ao Cristianismo em *Caesaraugusta* (a Zaragoza de hoje) aparece numa carta de Cipriano, bispo de Cartago, datada de 254, na qual menciona Félix de Caesaraugusta, *fidei cultor ac defensor veritate*. Foi Prudêncio que deixou o testemunho mais extenso no seu *Peristephanon* (princípios do século v); fala

de inúmeros mártires. Possivelmente, estes mártires morreram durante a perseguição feita pelo imperador Valeriano (200–260) de 257/258, embora este dado não seja seguro. Um tal Valero, bispo de Zaragoza, e Vicente, seu diácono, foram deportados por volta de 303 para Valencia por Maximiano (250–310), onde foram torturados, falecendo Vicente. Valero,

ápide funerária de Muriensis. Foto: Museu de Huelva, Andaluzia, Espanha.



Sarcófago cristão. Escultura tardo-romana. Museu de Córdoba, Espanha. Foto: ph.

que ainda assistiu ao Concílio de Iliberis em 306, pertencia à domus infulata dos Valérios, uma dinastia de bispos ceasaraugustanos chamados Valero/Valério, o que demonstra que Zaragoza já era sede episcopal desde meados do século III. O sarcófago chamado da *receptio animae* ou da Assunção (ca. 330 – 350), procedente de uma necrópole cristã perto da igreja basílica de Santa Engrácia, onde se encontram

actualmente. No ano de 311 o imperador Galério (260–311) publicou o édito que legalizava a igreja cristã.

A partir de 313, os cristãos obtiveram uma posição de privilégio face às religiões vigentes no Império romano, o que lhes permitiu realizar uma série de concílios, como o já mencionado de Iliberis, nos quais se eliminaram uma série de heréticos. Ao concílio de Arles foram enviados,

359

Arte tarde-romana. Museo della Civiltà Romana, em Roma
- Sala 15 (Cristianismo) - Cópia em gesso do Sarcófago de Giunio Basso (o original, datado de 359, está no Museo do Tesouro de São Pedro). Trata-se do mais antigo sarcófago cristão decorado com episódios bíblicos e cenas dos evangelhos que chegou até nós.



em 314, Rufino e Clemêncio. Em 343, Casto, bispo de Zaragoza, foi convocado a Sérdica (actual Sofia, Bulgária) para combater o Arianismo. Também houve concílios em Zaragoza, sendo o primeiro em 380, dedicado à luta contra o Priscilianismo.

Datam de entre 330 e 350 dois sarcófagos paleo-cristãos que se conservam na igreja basílica de Santa Engrácia; ambos são de mármore esculpido em Roma, o que indica a existência de cristãos com suficientes recursos. Além da igreja de Santa Engrácia, que se encontrava no mesmo lugar que o edifício actual, é possível que houvesse outras duas basílicas na cidade: a de Santa Maria, no lugar no que se encontra actualmente a Basílica do Pilar; a de São Milão, no terreno do antigo teatro romano.

Já no século IV, encontramos na Hispânia distintas personalidades na doutrinação religiosa, como o já mencionado Potâmio de Lisboa (360). É este que inicia a doutrinação cristã hispânica, uma espécie de teologia popular, menos especulativa e mais ligada à prática.

O movimento priscilianista mostra tendências logo difamadas como «heréticas». Os priscilianistas, acusados de maniqueísmo e de praticar magia, desencadearam um vasto panfletismo, encabeçado por nomes da militância cristã ibérica, como, por exemplo, Idácio de Mérida, ou Itácio de Ossonoma.

Depois do afastamento e condenação de Potâmio cria-se um vazio, só preenchido no século VI por Martinho de Dume, que chegara à Península Ibérica cerca de 550. Isidoro de Sevilha, um século

mais tarde, irá considerá-lo o homem mais culto do seu tempo. Manifesta-se defensor do ascetismo monástico, tem um papel considerável no reino suevo, sendo o responsável pela conversão do monarca – e, por arrasto, de toda a população sob o domínio suevo.

A sua obra é militante no político e no religioso, que o levou à compilação de cânones de concílios. Teve também um importante papel na adopção do latim falado na Galécia.

Segundo P. de Palol, é a partir do século IV que a arte páleo-cristã se manifesta e divulga. Entendemos na Hispânia como manifestações de arte paleocristã, as peças que correspondem à Tetrarquia e, sobretudo, a tempos constantinos, quer dizer, aos séculos IV e posteriores. Em relação ao limite final é muito difícil estabelecê-lo na Península.

337

Sarcófago paleocristão de Martos. Museo de Jaén, Espanha. Procedente duma oficina de Roma. Possui sete nichos, entre colunas. Decorado com passagens do Antigo e Novo Testamento. Mostra, na tampa, a cena dos hebreus na Babilónia e uma cena da vida de Jónas. Na caixa, da esquerda à direita, as seguintes cenas da vida de Cristo nos nichos: a ressurreição do filho da viúva de Naim, a cura do cego, a cura de Hemorroisa, a negação de São Pedro, a cura do paralítico, a multiplicação dos pães e dos peixes e o milagre das bodas de Caná.



Reis e bispos: o poder político e o poder religioso

Os aliados mais directos (e mais poderosos) da monarquia visigoda foram os bispos cristãos. Muitos bispos tiveram um papel chave na vida social, política e económica durante os anos de convulsão entre a eclipse do poder romano e o estabelecimento definitivo do poder visigodo¹. Note-se que os invasores visigodos respeitaram o poder do clero e aproveitaram os seus conhecimentos; continuaram a tradição cultural já enraizada de feição hispano-romana – pouco trazendo de novo.

A (falsa) noção de que o período visigótico terá sido brilhante, foi difundida e sustentada por clérigos e monges. Os códigos legados às gerações posteriores, contendo regras do direito civil e canónico e os textos litúrgicos foram ciosamente guardados pelo clero. No entanto, todos eles são cópias de textos elaborados pela elite cristã hispânica anterior à chegada dos Visigodos.

Sarcófago de Leocadio. Século IV. Museo de la Necrópolis Paleocristiana de Tarragona. Foto: ph.

¹ "Las más elevadas dignidades de la Iglesia hispana son los obispos y a ellos se consagran varios epitafios. Son citados con el término *episcopus*, lo más frecuente dado su carácter técnico para dar idea de jerarquía, pero en algunas ocasiones, sin duda como recurso poético, se les aplica algún otro, si bien pueden adquirir algún matiz diferenciador, aunque suelen tener la connotación de persona consagrada. *Memoria de la Vida y Publicidad de La Muerte en la Hispania tardorromana y visigoda. Las Inscripciones Funerarias.*" Javier de Santiago Fernández.





Tarragona, Espanha.
Mosaico de uma
sepultura paleo-cristã.



Fragmento dum sarcófago paleo-cristão representando Daniel na fossa dos Leões. Museo Arqueológico y Etnológico de Córdoba, Espanha.

Cristologia ariana

O Arianismo representa uma das mais importantes correntes paleocristãs. Esta doutrina, de origem oriental-bizantina, como algumas outras, foi defendida por Ário, sacerdote activo em Alexandria (256 – 336). Ário negava a Trindade, a divindade de Cristo e a Redenção.

Por volta de 319, Ário propagava que só existia um Deus verdadeiro, o Pai Eterno, princípio de tudo e de todos os seres. O Cristo-Logos havia sido criado por ele antes do tempo, pois a divindade transcendente não poderia entrar em contacto com a matéria.

Cristo, inferior e limitado, não possuiria portanto o mesmo poder divino, situando-se entre o pai e os homens. Ário afirmava ainda que o filho era diferente do pai em substância.

Um primeiro sínodo, realizado em Alexandria, expulsou Ário da comunhão eclesiástica, mas dois outros concílios, fora do Egipto, condenaram aquela decisão, reabilitando-o.

A doutrina ariana foi condenada no I. Concílio de Nicéia (325) e considerada herética; aqui, o Catolicismo ficou como a única doutrina verdadeira. Os Visigodos aderiram ao Arianismo, antes de se converterem ao Catolicismo, em 589, por iniciativa do rei Recaredo, quando do III. Concílio de Toledo.



Cruz grega, típica da época visigótica, exposta no Museu Visigótico instalado na Igreja de Santo Amaro, Beja.

Cristologia ortodoxa

A Cristologia ortodoxa, hoje conjuntamente defendida pelas igrejas católica, ortodoxa e protestante, tem por base o Concílio de Calcedónia (451), o qual estabeleceu as bases desta corrente, na qual o Cristo é tido por verdadeiro deus e verdadeiro homem (união hipostática) e se apresenta nestas suas duas naturezas sem distinção, indivisíveis e inseparáveis, de tal forma que as propriedades de cada uma permanecem ainda mais firmes quando unidas numa só pessoa.

Para os defensores desta cristologia, o termo *Filho de Deus* aplicado a Jesus deve ser interpretado com a natureza de Deus, gerado já desde o início de tudo e, portanto co-eterno.

Em Zaragoza, a cripta da *Basílica de Santa Engrácia* conserva dois sarcófagos de mármore do século IV, paleo-cristãos, sobressalientes, herdados da antiga igreja Santas Masas:

O sarcófago chamado *Receptio animae* (ou de la Asunción), feito entre 330 e 350.

O segundo, chamado *Trilogía petrina*, foi esculpido entre 340 e 350.





Em Córdoba conserva-se este precioso sarcófago de mármore do século IV, paleocristão.



Fragmento dum sarcófago paleo-cristão, representando magistrados (?). Museo Arqueológico y Etnológico de Córdoba, Espanha.

Duas figuras da época
visigótica.
Museo de La Cruz,
Toledo, Espanha.





Sarcófago paleocristão,
da Igreja de Santa Cruz de
Écija, Andaluzia, Espanha.

Os cristãos de Mértola

Como é que os cristãos chegaram a Mértola? Por volta do ano 300, estima-se que 10 a 15% da população do Império Romano se tinha convertido ao Cristianismo. Os centros teológicos localizavam-se na Ásia Menor, Síria e África do Norte. Legalizado como culto pelo imperador Constantino e tornado religião de Estado sob Teodósio I, o Cristianismo expandiu-se célere. Na Antiguidade Tardia não só se tinha expandido dentro das fronteiras do Império, como também em regiões adjacentes, como a Arménia e a Etiópia.

Mas a cristianização não deu origem a um credo homogêneo; antes pelo contrário. Diversas seitas e os respectivos bispos disputavam a verdade divina entre si. Uma corrente principal estabeleceu-se em Roma, outro caudal formou-se em Bizâncio (Constantinopla), associado à cultura e língua grega. Dos centros do Norte de África, o Cristianismo penetrou o Sul da Península Ibérica, muito antes da relação que

este culto obteve com os Suevos que tinham penetrado no Norte e no Centro da região hoje portuguesa. É esta a origem do culto cristão em Mértola ([veja página 306](#)), que nos séculos V e VI estava sob a influência da cultura bizantina, conforme revela o belo mosaico do caçador com falcão, descoberto na zona palatiana de Mértola.

Cristologia monofisita

Monofisismo¹ é uma doutrina de origem oriental-bizantina, lançada no século V. Surgiu na igreja de Antióquia, elaborada pelo monge Eutíques, arquiandrita dum mosteiro de Constantinopla. Estendeu-se à Palestina e à Síria. Eutíques contrariou Nestório, proclamando a união completa das duas naturezas de Cristo, negando o seu carácter

1. Até aos nossos dias existem igrejas monofisitas cristãs no Egipto, na Arménia, na Etiópia e na Índia.

Sarcófago cristão. Século IV. Museo de la Necrópolis Paleocristiana de Tarragona. Foto: ph.



humano e atribuindo-lhe uma única natureza, a divina – daí o termo monofisismo. É a crença numa só natureza (ou *physis*, em grego) da pessoa de Cristo. Mas, com um Cristo totalmente divinizado, punha-se a questão: Porque é que existem dois deuses, um que é pai, e outro que é filho? Um deles estaria a mais, não?

Eutíques foi condenado como herético no Concílio de Calcedónia em 451. Leu-se uma carta dirigida ao bispo de Constantinopla, que continha as concepções do papa Leão Magno (440–461) relativamente às naturezas de Jesus Cristo e que foi aceite por todos os presentes nesse concílio. Os 25 bispos presentes fixaram uma fórmula de fé que declarava inquestionável a (nova) definição da pessoa de Jesus.

A fórmula foi aceite pelos imperadores bizantinos Marciano e Pulquéria, sendo contudo rejeitada por um dos mais acérrimos monofisistas, Dióscuro.

Em Mértola existem traços desta variante das fés cristãs. Parte dos vestígios paleo-cristãos conservam-se no pequeno Museu Visigótico, onde se pode estudar uma parte das lápides funerárias aqui achadas, em que se destaca o grupo de estelas epigrafadas em grego, da comunidade oriental residente em Mértola no século VI ([veja página 306](#)).

Lápide funerária, gravada com letras gregas. Mértola. Foto: ph.



Conversão dos Suevos: Martinho de Dume

Braga também foi um centro paleocristão – isto deve-se a Martinho de Dume (? – 579), ou ainda Martinho de Braga – os nomes por que é conhecido Martinho da Panónia, bispo de Braga e de Dume. É tido como «Apóstolo dos Suevos», pois operou a sua conversão do Arianismo ao Catolicismo.

Martinho de Dume nasceu na Panónia, actual Hungria, no século VI. Estudou grego e práticas eclesíásticas no Oriente. Foi para Roma e França, onde visitou o túmulo de Martinho de Tours.

Estabeleceu um mosteiro em Dume, uma aldeia próximo de Braga, a partir do qual começou a irradiar a sua pregação. Estabeleceu a diocese de Dume (caso único na história cristã – confinada ao mosteiro a que presidia), da qual foi primeiro bispo e, depois, por vacatura da diocese bracarense, foi feito metropolitano de Braga, então capital do Reino Suevo.

Fez reunir o Concílio de Braga em 563, tendo proibido que se cantassem muito dos hinos e cantos de carácter popular que estavam incluídos nas missas e noutras celebrações religiosas. Ao longo dos anos, a música litúrgica foi sendo fixada no *Cantochão*, mas o povo, apoiado num substrato musical muito antigo, apoderou-se de alguns destes cânticos da Igreja e popularizou-os, dando-lhes a sua interpretação própria.



Martinho de Dume



O templo original de Santa Eulália do Mosteiro de Arnoso foi fundado no século VII por iniciativa de Frutuoso, bispo de Dume e de Braga, durante a época visigótica. Foi parcialmente destruído pelos Mouros, em 1067. Foi reconstruído por Garcia I. (1042-1090), rei da Galiza – ainda que seja de 1156 a data inscrita no tímpano do portal Sul. Foto: ph.

Para além de se destacar como virulento batalhador pela ortodoxia contra os Arianos, foi também autor. Entre as suas obras figuram escritos canónicos e litúrgicos. Destacou-se como tradutor (designadamente, dos *Pensamentos* dos padres egípcios). Considerando indigno de bons cristãos que se continuasse a chamar os dias da semana pelos nomes latinos pagãos de Lunae dies, Martis dies, Mercurii dies, Jovis dies, Veneris dies, Saturni dies e Solis dies, Martinho de Dume obrigou os fiéis a usar a terminologia eclesiástica (Feria secunda, Feria tertia, Feria quarta, Feria quinta, Feria sexta, Sabbatum, Dominica Dies). Morreu em 579 e foi sepultado na Catedral de Dúmio.

Frutuoso de Braga

Frutuoso de Braga, ou Frutuoso de Dume, nasceu em Astorga e faleceu em Braga em 665. Frutuoso nasceu de nobre família visigótica. Fundou numerosos mosteiros, que contribuíram para captar a juventude, como centros de vida religiosa. Nomeado arcebispo de Braga, a fama da sua santidade e sabedoria estendeu-se a toda a Península Hispânica. A história da sua vida chega-nos via Valério, um dos seus discípulos, monge copista e escritor, que a escreveu imediatamente após a sua morte.

Na obra *Vita Sancti Fructuosi* destacam-se quase exclusivamente os aspectos da vida monástica do biografado, omitindo a sua actua-

ção como bispo e sua intervenção na vida civil e religiosa do reino visigodo.

O Arcebispo de Compostela Diego Gelmírez, no ano 1102, foi o responsável pela rapto do corpo enquanto relíquia de Dume, em Braga, para Santiago, onde foi enterado solenemente na cripta da catedral. A catedral de Compostela celebra essa transladação, acto que veio a ser designado por Pio latrocínio, a 16 de Dezembro.

A importância de Frutuoso para compreender a Hispânia visigótica é fundamental. Foi padre no monasticismo hispânico, viajante infatigável, fundador de dez mosteiros, seguidor de duas regras monásticas, a *Regra Monachorum* e a *Regra Monastica Communis* – que se podem considerar as mais tipicamente hispânicas do monasticismo peninsular.

Depois dele, ainda persistiram outras regras europeias, mesmo nos próprios centros frutuosianos, particularmente a Beneditina; não obstante, muitos dos mosteiros fundados por Frutuoso subsistiram até épocas recentes.

Frutuoso, conhecedor do monasticismo oriental, das regras europeias e das normas isidorianas, refundiu-as todas dando-lhes uma originalidade tal que, frente ao latente latinismo da Regra de São Isidoro, podem ser consideradas reflexo de um carácter hispânico que se identificou com o espírito dos Visigodos.

C rismón, alfa e ómega é o símbolo cristão mais tematizado em toda a iconografia da época visigoda e durante a Reconquista. Por isso, não surpreende que ocorra muitas vezes neste livro....



Os Beneditinos

A ordem dos Beneditinos foi instaurada em 529 na Abadia de Montecassino, por Bento de Núrsia: a *Regula Benedicti*. A ordem nasceu da reunião de vários mosteiros que professavam a regra, muito após a sua morte.

Bento de Núrsia foi dos pioneiros militantes que organizou a cristianização da Europa ainda pagã. Um primeiro bastião beneditino foi o Mosteiro de Bouças (onde nasceu a cidade de Matosinhos), construído entre 920 e 944, em Sendim, com a vinda dos Beneditinos para Portugal. A introdução da regra de Bento de Núrsia em território português, como norma de disciplina monástica, fez-se a partir do Concílio de Coyanza (1050 – 1055, León, Espanha), embora já fosse conhecida antes.¹

Por volta de 1000, a regra seguida em quase todos os mosteiros da Europa Ocidental inspirava-se na dos Beneditinos – tal como muitos dos edifícios se

¹ "La devoción cluniacense de Alfonso (VI, 1065-1109), heredada de su padre Fernando, le convirtió en *socius* de la gran abadía borgoñona, teniendo en la persona del abad san Hugo (1049-1109) a uno de sus mayores consejeros. Así pues, el fenómeno de la penetración de los benedictinos de Cluny en los reinos cristianos peninsulares favorecido por Alfonso sólo se comprende como un proceso europeizador. En relación con la problemática ritual castellana, Cluny influyó fundamentalmente mediante dos procedimientos: por un lado, por medio de algunos monasterios que fue recibiendo en donaciones y en los que introdujo sus consuetudines y su tradición litúrgica. Por otro lado, gracias a destacados miembros de su orden que ejercieron el papel de consejeros reales y que ocuparon los niveles más altos de la política de los estados alfonsinos. En este grupo sobresale sin duda la figura del abad Hugo". Juan Rubio Sadia.



Sarcófago da época paleocristã. Museu Arqueológico de Braga.



Benedito de Nursia, pintura de Taddeo di Bartolo, c. 1400

baseavam no modelo delineado para o Mosteiro de Sankt Gallen, na Suíça, em 820.

Em Portugal, a ordem beneditina ajudou os primeiros reis a estabilizar e fortalecer a Reconquista dos territórios do Sul, captados aos muçulmanos. Essa ajuda concretizou-se no repovoamento de regiões completamente desertificadas pela violência das acções militares, na exploração desses territórios, concretamente na re-introdução de técnicas agrárias e hortícolas, no aproveitamento dos recursos naturais (campos, prados, bosques, rios) – e no repovoamento compulsório.

Alguns monges vindos de França (por exemplo, Geraldo de Braga e Bernardo de Coimbra) foram sagrados bispos. Os mosteiros beneditinos dessa época, em Portugal, são: Ganfei, Castro de Avelãs, São Martinho da Castanheira, São Pedro das Águias, São Fins de Friestas, São Pedro de Rates, Santa Maria de Fiães e São Pedro de Cête.

Os mosteiros beneditinos eram dirigidos por um prior ou abade. Os monges trabalhavam arduamente em actividades agrícolas para o auto-abastecimento da comunidade.¹

A ordem, em permanente dissonância com a sua austera regra, sofreu numerosas reformas, devido à decadência da disciplina nos mosteiros. A primeira reforma foi levada a cabo por Juan de Perez Lloma no

¹ A rotina diária, monótona, invariável, prescrevia quatro horas de serviços religiosos, outras quatro de meditação e seis de trabalhos braçais nos campos ou nas oficinas. As horas de oração e de trabalho eram entremeadas com períodos de meditação; os monges deitavam-se pelas seis e meia da tarde. Durante o Verão havia uma refeição diária, sem carne; no Inverno, havia uma segunda refeição para os ajudar a resistir ao frio. A vida de um monge durava, em média, 30 anos.



século x; esta reforma, dita *cluniacense* (nome proveniente de Cluny, Borgonha, onde se fundou o primeiro mosteiro desta reforma), tomou grande impulso; durante longa parte da Idade Média praticamente todos os mosteiros beneditinos estiveram sob o domínio de Cluny.

Em Espanha, entre os mosteiros sujeitos a Cluny, encontramos San Isidro de Dueñas, Nájera, Santa Coloma de Burgos e San Juan de Hérmedes de Cerrato.

Os cluniacenses adquiriram grande poder económico e político, e os abades mais importantes faziam parte das cortes imperiais e papais. Tanto poder levou à decadência da reforma cluniacense, que encontrou uma contraparte na reforma cisterciense (de Cister, Cîteaux, em francês), onde se fundou o primeiro mosteiro desta corrente de reforma.



Uma forma única de apresentar e usar letras: detalhe da coroa votiva do rei visigodo Recesvinto (649 – 672). As letras pendentes formam o texto RECCESVINTHUS REX OFFERET.

Altura do diadema: 10 cm; diâmetro: 20,6 cm; espessura: 0,9 cm.
Arte visigoda, estilo bizantino.
Museu de Arqueologia de Madrid.

Os VISIGODOS

Godos em terras hispânicas

No século V, a Península Ibérica, depois de vários séculos sob o domínio do Império Romano, tinha sido invadida novamente. Desta feita, por povos germânicos – Suevos, Vândalos, Alanos e Visigodos. Os Godos eram um povo originário das margens do mar Báltico. Por volta de 230, os grupos étnicos godos separam-se nos seus dois principais ramos: Ostrogodos e Visigodos.

No seu trajecto migratório, os Visigodos voltam-se para a Península Ibérica, onde a sua presença já era sentida pela ocupação, em nome de Roma, sobretudo a partir do reinado de Teodorico II (453 – 466). O seu sucessor, Eurico (466 – 484), foi o responsável pelo assentamento visigodo duradouro em terras hispânicas.

Durante o século V operou-se a ruptura com o mundo romano – em todos os âmbitos. Nos fins deste século e no começo do sexto século, vemos aparecer as primeiras epígrafes das comunidades cristãs estabelecidas na Península Ibérica.



Nestes testemunhos abundam as datas entre 500 e 600. Estavam já finalizadas as correntes migratórias do povo visigodo para o território peninsular, por causa da perda dos seus domínios na Gália.

A penetração dos Visigodos na Península começou com o estabelecimento do rei godo em Barcelona, em 414–415; o início duma etapa conturbada e violenta, de lutas quase constantes no território hispânico, que darão origem a uma crescente influência dos Visigodos no solo peninsular, especialmente na segunda metade do século V, quando se consolida o seu domínio no reinado de Eurico, que converte grande parte da Península Ibérica numa prolongação do reino de Toulouse.

Em 475, a paz negociada com o imperador Flávio Júlio Nepote (430 – 480) implica a entrega da Hispânia aos Visigodos. Os únicos territórios que ficaram fora



A influência da cultura bizantina revela-se no belo mosaico do caçador com falcão, descoberto na zona palatiana de Mértola.

do seu domínio foram o reino suevo da Gallaecia, as zonas setentrionais, pouco romanizadas, fundamentalmente as habitadas por Cantábros e Vascões e, provavelmente, a Bética, que devia continuar sob a administração dos seus antigos quadros provinciais.

Portanto, torna-se impossível traçar com precisão cronológica e geográfica a divisão, assinalar com certeza as inscrições que pertencem ao período propriamente visigodo e separá-las das que possam ser um pouco anteriores.

500 Iberização do reino visigodo

Lóvis, (ou Chlodowech) foi o primeiro rei dos Francos a converter-se ao Catolicismo, em oposição ao Arianismo comum entre os povos germânicos. Clóvis expandiu os seus domínios sobre quase toda a antiga província romana da Gália. Foi o fundador da dinastia merovíngia, que governou a Gália nos dois séculos seguintes. A vitória sobre o rei visigodo Alarico II., em Tolosa (Toulouse),

na Batalha de Vouillé (507), deu a Clóvis o domínio quase total da Gália.

Somente depois da Batalha de Vouillé e da subsequente expulsão de todos os Godos (que não quiseram aderir ao Catolicismo) do território do sul da Gália, é que se verifica uma mais forte presença na Hispânia e a progressiva instalação dum poder visigodo peninsular. A população local começou a ser mais fortemente cristianizada. Entre os séculos IV e VI cristaliza-se uma nova sociedade que florescerá durante os séculos VI e VII – até à chegada dos Muçulmanos.

Apartir da citada derrota de Vouillé, infligida pelos Francos, o reino visigodo confinou-se à Península Ibérica, embora a capital continuasse a ser Toulouse, na Gália. Mas começa a iberização do reino visigodo, sobretudo a partir do reinado de Teudis (531 – 548) [\(veja página 38\)](#).

Inicia-se então o período de auge da monarquia visigoda, sobretudo durante os reinados de Leovigildo e do seu filho Recaredo I (reinou de 586 a 601), que abandona o Cristianismo da vertente ariana para se converter ao Catolicismo, que passa a ser a religião oficial. À semelhança do seu pai, Recaredo I. fez de Toledo a capital do seu reino [\(veja página 31\)](#).



Cruz. Artesanato visigodo, estilo bizantino. Chapa dourada. Museu de Arqueologia de Sevilha. Foto: ph.

Lomparado com o reino suevo, o reino visigodo foi mais evoluído, quer na cultura, quer nas instituições sociais e políticas. Os Visigodos, embora mais romanizados, mantiveram sempre o seu carácter guerreiro e agressivo. Assim como os Romanos o tinham feito, enriqueceram pela apropriação de territórios, de bens roubados e dos impostos cobrados. Assim como os Romanos o tinham feito, exerceram a sua autoridade baseada no uso da força das armas e da riqueza acumulada. Para governar, serviram-se de leis hispano-romanas – e dos bispos católicos.

Nas suas cortes, os reis visigodos gostaram de adoptar as práticas bizantinas. A corte dos reis visigodos, *aula regia*, assemelhava-se à corte bizantina de Ravena: o príncipe, que já tinha abandonado o vestuário bárbaro (germânico), estava rodeado pelos seus *seniores* e era assistido na administração pelo conde da câmara real, pelo conde do tesouro público, pelo conde do património, etc.

Os actos escritos emitidos pela chancelaria real, formalmente semelhantes aos de Bizâncio, eram enviados aos *rectores* das províncias e aos *curiales* das cidades. Na corte visigoda, alguns reis gaba-vam-se de ser letrados: o rei Recaredo e os seus sucessores Sisebuto e Recesvindo deixaram-nos nas suas poesias e obras hagiográficas testemunhos do seu suposto "talento literário".



Tremis, Teodorico,
Tolosa. 510-526.

Toledo, capital do reino

Toledo (em latim, *Toletum*; em árabe, *Tulaytulah*; em hebreu sefardita, *Toldoth*; em moçárabe, *Tolétho*) foi a capital do reino visigótico, desde o reinado de Leovigildo, até a conquista islâmica da Península Ibérica. Cerca de trinta sínodos tiveram lugar em Toledo; o primeiro foi no ano 400. No sínodo de 589 – o III. Concílio de Toledo – o rei visigodo Recaredo declarou sua conversão ao Arianismo. Esta conversão marca o início de uma estreita aliança entre a monarquia visigoda e os bispos católicos da Península Ibérica, aliança que ganhou expressão significativa na obra de autores da época, como Isidoro de Sevilha ([veja página 44](#)) e Juliano de Toledo.

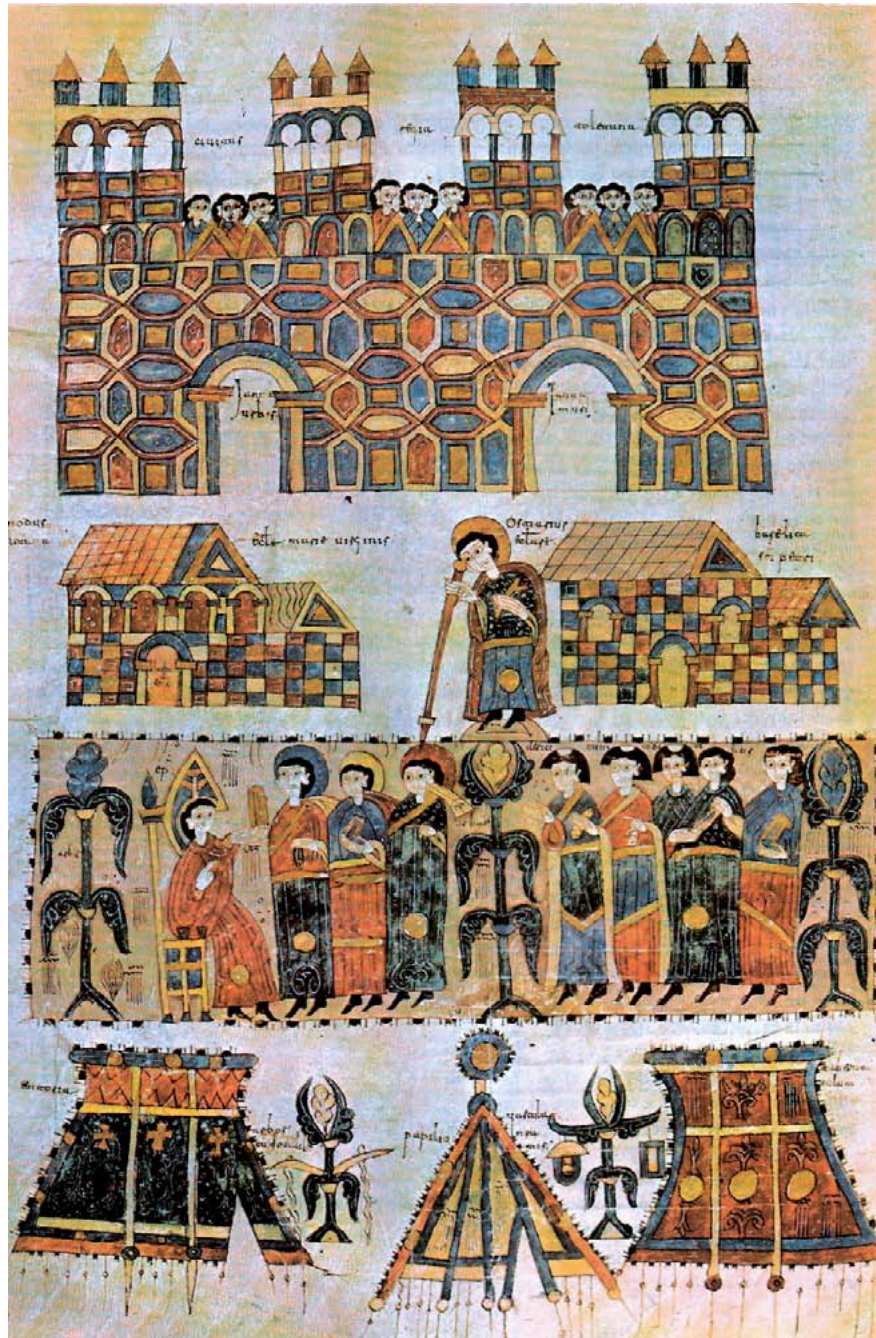
No Sínodo de 633, conduzido por Isidoro de Sevilha, foi decretada a uniformidade da liturgia em todo o reino visigótico e decretaram-se medi-

das repressivas contra judeus baptizados que recaíssem na sua antiga fé. O Concílio de 681 assegurou ao arcebispo de Toledo a primazia no reino da Espanha.

Sob o Califado de Córdoba, Toledo conheceu a segunda era de prosperidade. Após a decomposição deste Califado, em 1035, foi a capital do reino Taifa de Toledo.

Em 1085, Alfonso VI. de Castela ocupou a cidade e estabeleceu controlo directo sobre a cidade moura. Este foi o primeiro passo do rei de Leão e Castela na Reconquista.

Toledo possuía grandes comunidades de judeus e muçulmanos (até que estes foram expulsos da Espanha em 1492); por isto a cidade tem importantes monumentos religiosos, como a Sinagoga de



Em cima: Muro visigótico, Toledo. Ao lado: Folio 129 v do Códice dos Concílios. Representação esquemática dos Concílios de Toledo.

Santa Maria la Blanca, a Sinagoga de El Tránsito, e a Mesquita de Cristo de la Luz.

No século XIII Toledo foi um importante centro cultural sob o domínio de Afonso X, cuja alcunha era *el Sabio* (o Sábio) por seu amor ao conhecimento. A escola de tradutores de Toledo tornou disponíveis tratados filosóficos escritos em Árabe e Hebraico ao traduzi-los para o latim, disponibilizando pela primeira vez

uma grande quantidade de conhecimentos para a Europa¹.

¹ Toledo era famosa pela sua produção de aço, especialmente espadas, e a cidade ainda é um centro de manufatura de facas e pequenas ferramentas de aço. Após Filipe II. de Espanha mudar a corte de Toledo para Madrid em 1561, a cidade entrou em lento declínio, do qual nunca se recuperou.

579

Epitáfio de Inma Frita**Forma arcaica da escrita visigótica.**

Epitáfio da mulher Inma Frita, que faleceu com a idade de 35 anos. Proveniente de San Pedro el Verde, Vega Baja (Toledo).

Dimensões: 52 x 37 x 5 cm.

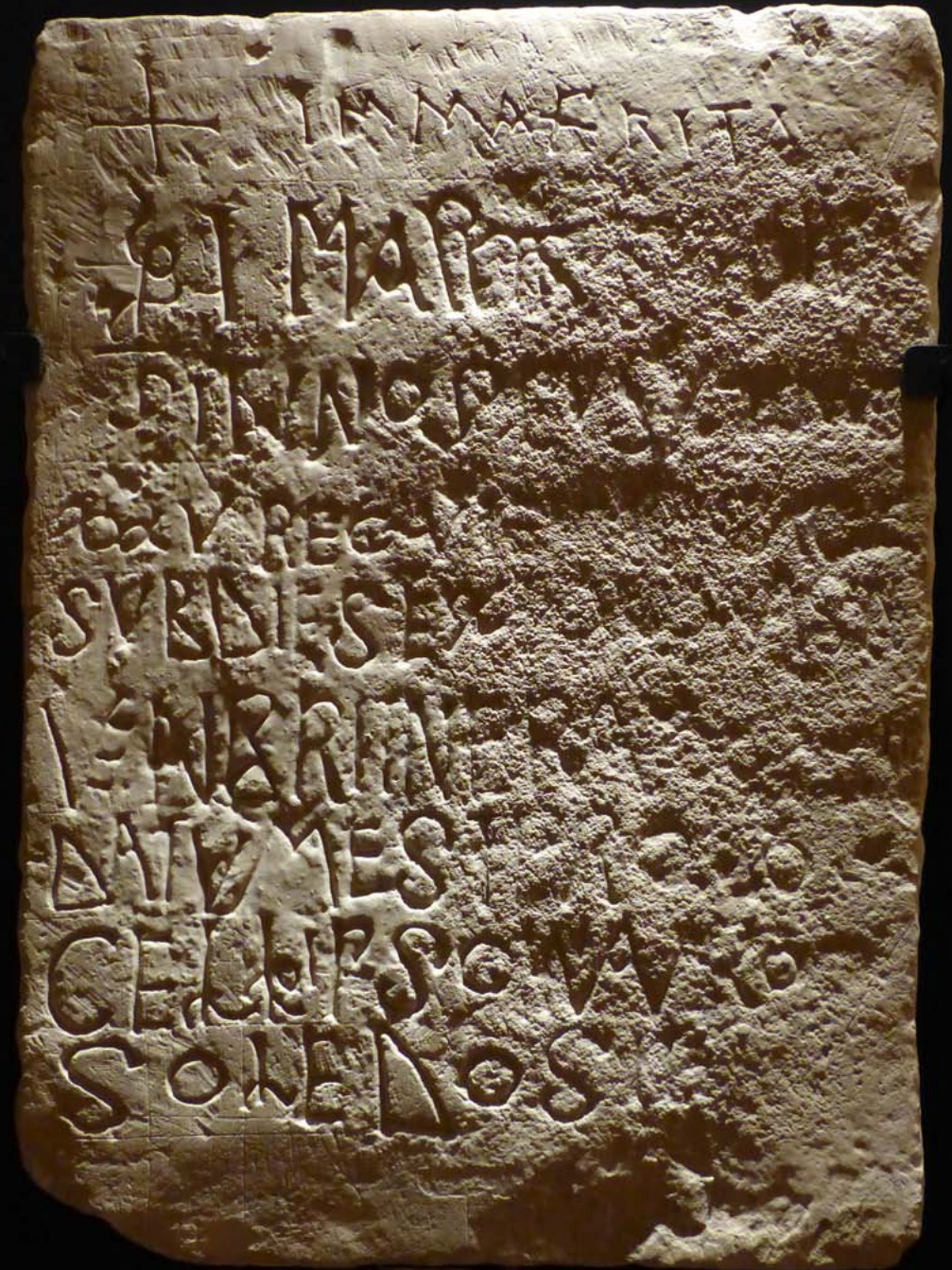
Exposto no Museo dos Concilios y de la Cultura Visigoda (Toledo). Foto: ph.

Trascripción: (cruz) IMMA FRITA / (crismón) IMAFRITA
VIC/SIT ANNOS PLVS MINVS / XXXV REQUIEVIT IN PACE
/ SVB DIE SEXTO ID(us) NO/VENBRI IN ERA DCXVII /
DATVM EST PRO LO/CELLO IPSO IN AVRO /
SOLEDOS III

Tradução para castelhano: Imma Frita. Imafrita vivió 35 años poco más ó menos. Descansó en paz à 8 de Noviembre de la era 617 (año 579). Se han dado por el lucillo tres sueldos en oro.

Fita, Fidel. “Noticias”, Boletín de la Real Academia de la Historia, tomo XVI, 1890, pág. 317-320
Reuelta Tubino, M “Museo de los concilios de Toledo y de la cultura visigoda”; Madrid, 1979; nº 56.
Ficha nº 369 en Hispania Epigraphica

Placa com inscrição visigótica. Toledo.



562

Epitáfio de Sagenis

Forma média da letra visigótica. Tumulo de Sagenis. Marmore. Proveniente de Vega Baja (Toledo), achado em 1781. Exibida no Museo de los Concilios y de la Cultura Visigoda (Toledo).

Foto: ph.

Dimensões: 32 x 45 cm. (rota em 4 pedaços)

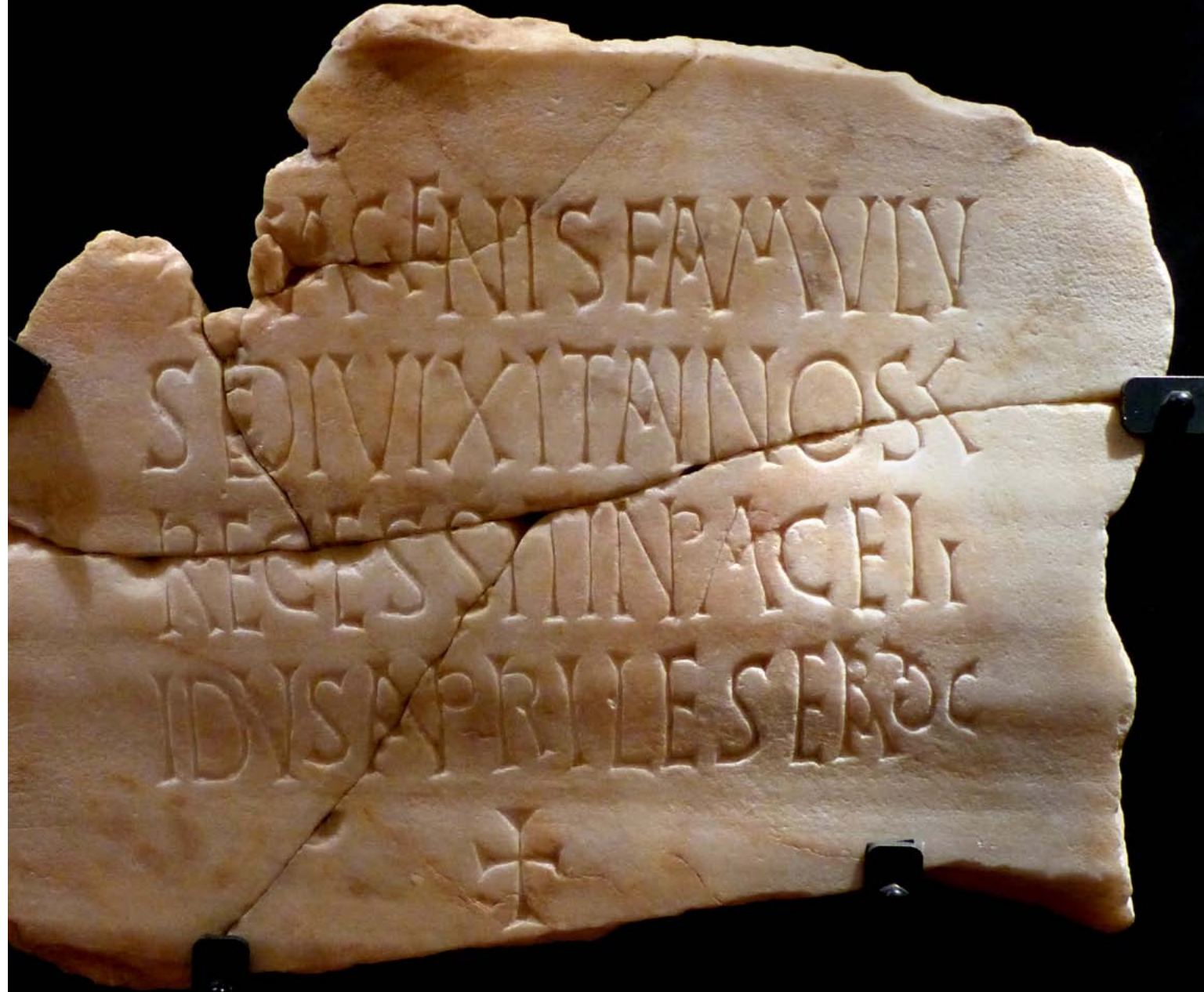
Nº Inventário del Museo de los Concilios: 1

(cruz) SAGENIS FAMVLV/S DEI VIXIT ANNOS L /
RECESSIT IN PACE II / IDVS APRILES ERA DC /
(Kreuz)

Sagenis, siervo de Dios, vivió 50 años. Murió en paz á 12 de abril de la era 600 (año 562).

Fita, Fidel. "Noticias", Boletín de la Real Academia de la Historia, tomo X, 1887, pág. 345

Revuelta Tubino, M. "Museo de los concilios de Toledo y de la cultura visigoda"; Madrid, 1979; nº 61.
Nº 367 in Hispania Epigraphica



Museo de los Concilios y de la Cultura Visigoda

Este museu de Toledo exhibe testemunhos da época visigótica. A igreja mudéjar de San Román, construída no século XIII, foi eleita para albergar este museu. Aqui são mostrados peças do século 6 ao 8., por exemplo, trabalhos de ouro ou prendas de sepulturas da Necrópole de Carpio de Tajo, assim como reproduções das coroas do Tesouro de Guarrazar. Os belos frescos pintados nas paredes são românicos, do século 13. Foto: ph.



O TESOURO DE GUARRAZAR



Coroa votiva visigótica. Museu de Cluny, em Paris. Exposição „Les temps mérovingiens.”

A CROA VOTIVA DE REESVNT

... uma peça emblemática
da arte visigoda, símbolo
da estreita simbiose entre o
clero hispânico e os devotos
monarcas visigodos. Século VII



REIS VISIGODOS

Katherine F. Drew apontou para o facto de que no reino visigodo (como noutros reinos germânicos), o rei ocupava uma posição que mais equivalia à de um árbitro do que propriamente a de um governante...

A responsabilidade pela segurança individual e colectiva, pela administração da lei e da justiça, recaía sobre os grandes proprietários e chefes das linhagens aristocráticas.¹ Contudo, os monarcas visigodos eram os responsáveis por paz e guerra, e pelas grandes opções política e ideológicas. Não menos influência política tiveram as mais altas figuras do clero, como Isidoro e Leandro de Sevilha, Frutuoso de Braga e Martinho de Dume.

¹ Drew, Katherine Fischer. *Another Look at the origins of the Middle Ages: A Reassessment of the Role of the Germanic Kingdoms*. Speculum, Cambridge, v.62, n. 04. pp. 803–812, 1987.



Moedas com a efige de Recaredo

Amalarico, 526-531

Amalarico (502 — 531), filho de Alarico II., era ainda criança quando o seu pai morreu em batalha contra os Francos (507). Para sua segurança, foi levado para a Hispânia, que, junto com a Provença, eram governadas pelo seu avô materno, o rei ostrogodo Teodorico, o Grande.

O jovem Amalarico foi proclamado rei em 522, e quatro anos depois, com a morte de Teodorico, foi coroado rei dos visigodos, cedendo a Provença ao seu primo Atalarico.

Casou-se com uma princesa dos Francos, Clotilde, filha de Clodoveu I., porém, as desavenças com ela — sendo ele ariano e ela católica — levaram a uma invasão dos Francos, sob o comando de Chilberto I., cunhado de Amalarico.

Teudis, 531-548

Teudis, ou Teodorico, foi rei com paço em Toledo; sucedeu a Amalarico. Durante o seu reinado foi levada a cabo a única codificação legislativa desde a que foi realizada por Eurico: a lei dada em Toledo, em 546. Em 541 Teudis teve de enfrentar os Francos comandados por Clotário e Chilberto, que entraram por Pamplona até Saragoça, cidade que sitiaram durante 49 dias. Teudis conseguiu derrotar esta invasão. Mas perdeu a cidade de Ceuta (ocupada em 533) no ano de

Leandro, arcebispo de Sevilha

Destacou-se na luta contra o Arianismo. Leandro de Sevilha (Cartagena, ca. 534 — Sevilha, 600 ou 601) nasceu no seio de uma família hispano-romana influente.

Teve três irmãos mais novos: (Fulgêncio, Isidoro e Florentina) todos os quais foram também canonizados. Isidoro de Sevilha iria atingir ainda maior notoriedade do que Leandro.

Supõe-se que a sua família fugiu de Cartagena aquando da conquista bizantina (552? 555?), tendo-se estabelecido em Sevilha, onde Leandro entrou para um mosteiro beneditino.

Ao seu irmão Isidoro de Sevilha atribui-se a conversão de Hermenegildo ao Catolicismo em 579. Depois da conversão deixou Sevilha a caminho de Constantinopla para pedir auxílio para Hermenegildo.

Ascendeu a arcebispo de Sevilha antes de 584, ano em que Leovigildo tomou a cidade durante a guerra civil que travou contra o seu filho Hermenegildo. Leandro foi por isso desterrado pelo rei visigodo para Constantinopla. Terminado o desterro em 586, voltando ao seu bispado, pela grande influência que teve na conversão de Recaredo I. ([veja página 39](#)).

Morrendo no final do século VI, em Sevilha, não sem que antes tivesse presidido ao III. Concílio de Toledo, em 589, onde converteu novamente os Visigodos à fé cristã.

Escreveu várias regras de conduta para freiras.

Introduziu em Niceia o Credo na Missa do Ocidente.



542 para os Bizantinos, que atacaram por terra e mar. Foi assassinado em 548, no seu palácio de Barcelona. A primeira lei que se conhece na Península Ibérica visigoda é um documento judicial emitido por Teudis.

Leovigildo, 572–586

O primeiro rei visigodo com um programa político. Leovigildo, embora se mantivesse fiel ao credo ariano, começou a abrir canais de diálogo com forças políticas diversas, católicas ou não, dentro e fora do reino visigodo. Leovigildo anexou o reino suevo, e em 585 juntou os dois reinos; morreu em 586. É com ele que pela primeira vez um rei visigodo põe o seu nome nas moedas que manda cunhar. Primeiro juntamente com o nome do imperador romano, um em cada face da moeda, depois omitindo este definitivamente. Fundou a cidade de Recópolis ([veja página 319](#)), mas também reinou a partir de Toledo ([veja página 31](#)).

Recaredo I., 586–601

Como o seu pai Leovigildo, Recaredo elegeu Toledo para capital. Os reis e nobres visigodos eram tradicionalmente arianos, enquanto que a população era católica trinitária. O bispo Leandro de Sevilha (ou Isidoro?) logrou converter o filho de Leovigildo, chamado Hermenegildo, à fé católica, e apoiou-o numa rebelião, o que lhe valeu o exílio (e, no caso de Hermenegildo, a morte).

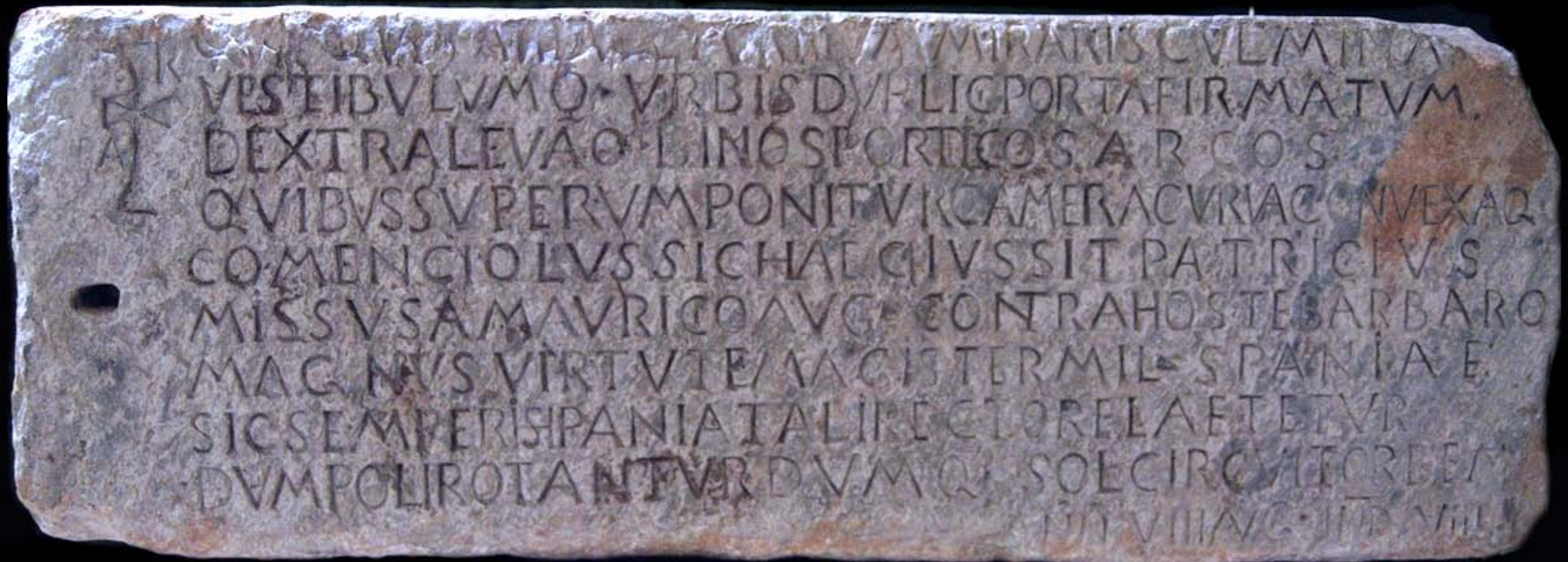
Com a morte de Leovigildo em 586 e a aceitação do Catolicismo por Recaredo em 587, este fez converter o



Moeda de ouro do rei Wamba (?–680), o último grande rei dos Visigodos. Diâmetro máximo: 2 cm. 672-680. Proveniente de Jaén, Espanha. No verso, aparece um busto olhando para a direita e, diante do personagem, uma cruz. No reverso, tem como motivo central a cruz. Pertence à Ceca de Toledo.



Moeda de ouro de Suintila. Foto: Projecto arqueológico Vega Baja, Toledo.



Lápide de Comenciolo, o principal testemunho da presença bizantina na Península Ibérica. Século VI. Museu Arqueológico de Cartagena.

QVISQVIS ARDUA. TVRRIVM MIRARIS. CVLMINA. VESTIBVLVMQ.
VRBIS. DVPLICI. PORTA. FIRMATVM. DEXTRA LEVAQ. BINOS POR-
TICOS. ARCOS QVIBUS. SVPERVM. PONITVR CAMERA CURVA CON-
VEXAQ COMENCIOLVS. SIC. HAEC IVSSIT. PATRICIVS MISSVS. A
MAVRICIO. AVG. CONTRA. HOSTES. BARBAROS. MAGNVS. VIRTUTE.
MAGISTER. MIL. SPANIAE. SIC. SEMPER. HISPANIA. TALI. RECTORE.
LAETETVR. DVM. POLI. ROTANTVR. DVMQ. SOL. CIRCVIT. ORBEM.
ANN VII. AVG. IND. VIII

Quem quer que sejas, admirarás as partes altas da torre e do vestíbulo da cidade afirmados sobre uma porta dupla, à direita e à esquerda leva dois pórticos com arco duplo aos que se superpõe uma câmara curva convexa. O patrício Comenciolo mandou fazer isto (esta lápide), enviado por Mauricio Augusto contra o inimigo bárbaro. Grande pela sua virtude, mestre da milícia hispânica, sempre Hispânia se alegrará de tal rector, enquanto os polos girem e enquanto o sol circunde a orbe. Ano VIII de Augusto.